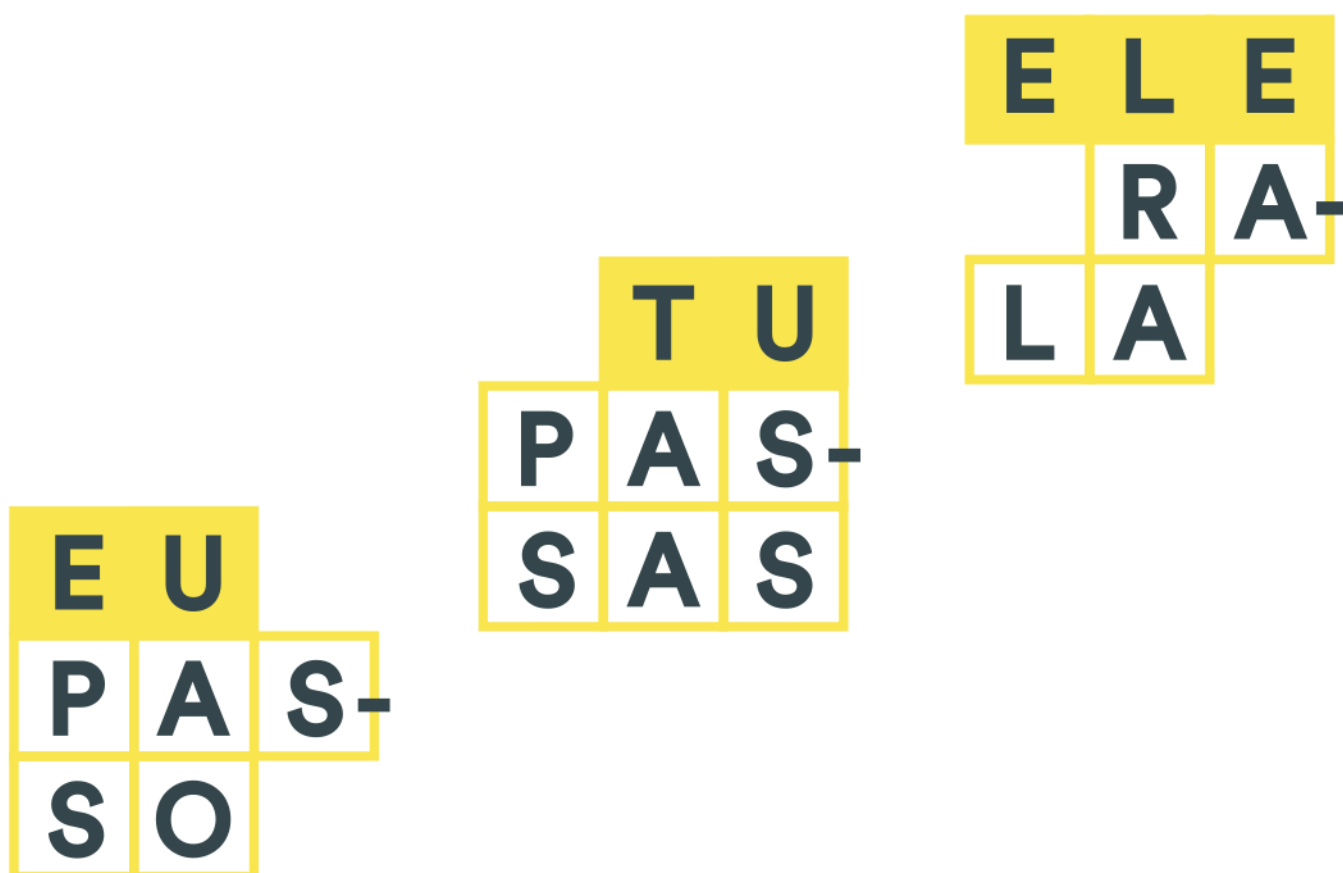


Trovadorismo, Renascimento, Quinhentismo e Barroco



Trovadorismo, Renascimento, Quinhentismo e Barroco

1. (UNIFESP-2004)

Andar! Pero Marques seja!
Quero tomar por esposo
quem se tenha por ditoso
de cada vez que me veja.
Meu desejo eu retempero:
asno que me leve quero,
não cavalo valentão:
antes lebre que leão,
antes lavrador que Nero.

Sobre a farsa de Inês Pereira, é correto afirmar que é um texto de natureza

- a) Satírica, pertencente ao Humanismo português, em que se ridiculariza a ascensão social de Inês Pereira por meio de um casamento de conveniências.
- b) Didático-moralizante, do Barroco português, no qual as contradições humanas entre a vida terrena e a espiritual são apresentadas a partir dos casamentos complicados de Inês Pereira.
- c) Religiosa, pertencente ao Renascimento português, no qual se delineia o papel moralizante, com vistas à transformação do homem, a partir das situações embaraçosas vividas por Inês Pereira.
- d) Reformadora, do Renascimento português, com forte apelo religioso, pois se apresenta religião como forma de orientar e salvar as pessoas pecadoras.
- e) Cômica, pertencente ao Humanismo português, no qual Gil Vicente, de forma sutil e irônica, critica a sociedade mercantil emergente, que prioriza os valores essencialmente materialistas.

2. (PUC-SP-2001) O argumento da peça A Farsa de Inês Pereira, de Gil Vicente, consiste na demonstração do refrão popular “Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube”. Identifique a alternativa que não corresponde ao provérbio, na construção da farsa.

- a) A segunda parte do provérbio ilustra a experiência desastrosa do primeiro casamento.
- b) O escudeiro Brás da Mata corresponde ao cavalo, animal nobre, que a derruba.
- c) O segundo casamento exemplifica o primeiro termo, asno que a carrega.
- d) O asno corresponde a Pero Marques, primeiro pretendente e segundo marido de Inês.

- e) Cavalo e asno identificam a mesma personagem em diferentes momentos de sua vida conjugal.

3. (UNIFESP-2004) Leia a cantiga seguinte, de Joan Garcia de Guilhade.

Un cavalo non comeu
á seis meses nen s'ergueu
mais prougu'a Deus que choveu,
creceu a erva,
e per cabo si paceu,
e já se leva!
Seu dono non lhi buscou
cevada neno ferrou:
mai-lo bon tempo tornou,
creceu a erva,
e paceu, e arriçou,
e já se leva!
Seu dono non lhi quis dar
cevada, neno ferrar;
mais, cabo dum lamaçal
creceu a erva,
e paceu, e arriç'ar,
e já se leva!

(*CD Cantigas from de Court of Dom Dinis. Harmonia mundi usa, 1995.*)

A leitura permite afirmar que se trata de uma cantiga de

- a) Escárnio, em que se critica a atitude do dono do cavalo, que dele não cuidara, mas graças ao bom tempo e à chuva, o mato cresceu e o animal pôde recuperar-se sozinho.
- b) Amor, em que se mostra o amor de Deus com o cavalo que, abandonado pelo dono, comeu a erva que cresceu graças à chuva e ao bom tempo.
- c) Escárnio, na qual se conta a divertida história do cavalo que, graças ao bom tempo e à chuva, alimentou-se, recuperou-se e pôde, então, fugir do dono que o maltratava.
- d) Amigo, em que se mostra que o dono do cavalo não lhe buscou cevada nem o ferrou por causa do mau tempo e da chuva que Deus mandou, mas mesmo assim o cavalo pôde recuperar-se.
- e) Maldizer, satirizando a atitude do dono que ferrou o cavalo, mas esqueceu-se de alimentá-lo, deixando-o entregue à própria sorte para obter alimento.

4. (UFSCar-2003) A questão seguinte baseia-se no poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, do qual se reproduzem, a seguir, três estrofes.

Mas um velho, de aspeito venerando, (=aspecto)
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiga
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-lhe ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.”

Os versos de Camões foram retirados da passagem conhecida como *O Velho do Restelo*. Nela, o velho

- a) Abençoa os marinheiros portugueses que vão atravessar os mares à procura de uma vida melhor.
- b) Critica as navegações portuguesas por considerar que elas se baseiam na cobiça e busca de fama.

- c) Emociona-se com a saída dos portugueses que vão atravessar os mares até chegar às índias.
- d) Destrata os marinheiros por não o terem convidado a participar de tão importante empresa.
- e) Adverte os marinheiros portugueses dos perigos que eles podem encontrar para buscar fama em outras terras.

5. Assinale a alternativa correta sobre Camões.

- a) Além de usar metros mais populares, utilizou-se da medida nova, especialmente nas redondilhas que recriam, poeticamente, um quadro harmônico da vida e do mundo.
- b) O tema do desconcerto do mundo é um dos aspectos característicos de sua poesia, presente, por exemplo, nos sonetos de inspiração petrarquiana.
- c) Introduziu o estilo cultista em Portugal, em 1580, explorando antíteses e paradoxos nos poemas de temática religiosa.
- d) Autor mais representativo da poesia medieval portuguesa, produziu, além de sonetos satíricos, a obra épica Os lusíadas.
- e) Influenciado pelo Humanismo português, aderiu ao cânone clássico de composição poética, afastando-se, porém, das inovações métricas e dos modelos greco-romanos.

6. (FMTM-2002) Endechas à escrava Bárbara

Aquela **cativa**,
Que me tem **cativo**
Porque nela vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais formosa.

Uma graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião

que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas bárbara não.

Vocabulário:

Endechas: versos em redondilha menor (cinco sílabas).

Molhos: feixes.

Leda: risonha.

Vão: fútil

Em sua obra, Camões continua a tradição da conduta amorosa das cantigas medievais. Nela, a mulher amada era considerada

- a) Responsável pelas contradições e insatisfações do homem.
- b) Símbolo do amor erótico.
- c) Incapaz de levar o homem a atingir o Bem.
- d) Um ser impuro e prejudicial ao homem.
- e) Uma pessoa superior, fonte de virtudes.

7. (FAETEC-2002) As cousas do mundo

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa;
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;

Bengala hoje na mão, ontem garlopa.
Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

(Gregório de Matos Guerra, “Seleção de Obras Poéticas”)

Fica claro, no poema acima, que a principal crítica do autor à sociedade de sua época é feita por meio da

- a) Denúncia da proteção que o mundo de então dava àqueles que agiam de modo condenável, embora sob a capa das leis da Igreja.
- b) Enumeração de certos tipos que, por seus comportamentos, revelam um roteiro que identifica e recomenda a ascensão social.
- c) Elaboração de uma lista de atitudes que deviam ser evitadas, por não condizerem com as práticas morais encontradas na alta sociedade.
- d) Comparação de valores e comportamentos da faixa mais nobre e aristocrática.
- e) Caracterização de comportamentos que, embora sejam moralmente condenáveis, são dissimulados em seus opostos.

8. (FEI-97) “Não é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo grande que está dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano, que sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza do mundo. (...) O mar, por ser um monstro indômito, chegando às areias, para; as árvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animais com a terra. Pelo contrário, o homem, monstro ou quimera de todos os elementos, em nenhum lugar para, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição ou apetite o falta: tudo confunde e como é maior que o mundo, não cabe nele.”

Podemos reconhecer neste trecho do Padre Antônio Vieira:

- a) O caráter argumentativo típico do estilo barroco (século XVIII).
- b) A pureza da linguagem e o estilo rebuscado do escritor arcáico (século XVIII).
- c) Uma visão de mundo centrada no homem, própria da época romântica (princípio do século XIX).
- d) O racionalismo comum dos escritores da escola realista (final do século XIX).
- e) A consciência da destruição da natureza pelo homem, típica de um escritor moderno (século XX).

Gabarito

- 1. E**
- 2. A**
- 3. A**
- 4. B**
- 5. B**
- 6. A**
- 7. E**
- 8. A**